

O indigena no Brasil - 3.ª parte: Os resultados

Preservação é luta quase perdida

DO SERVIÇO ESPECIAL

Indio é todo individuo de descendencia pré-colombiana, autoctone, cujo modo de vida e ação manifestam características culturais que o distinguem dos demais elementos integrantes da comunidade nacional.

Conceito para efeito estatístico.

Em fins de novembro de 1970 foi feito contato com o primeiro grupo indígena na rota da Transamazônica, o dos Parakanan. Achei os indios olhando os brancos de longe, e indagavam em sua lingua nativa: "O que vocês vieram fazer aqui?"

Os indios começaram então a dançar num pé só, envolvendo com um braço os ombros de um companheiro e batendo nas nádegas com a outra mão, rindo e gritando. "Acho que estavam confraternizando conosco", diz João Carvalho.

Os brancos não atenderam ao apelo aos indios: o segundo contato, feito a 23 de dezembro de 1970, também foi iniciativa dos brancos.

O helicóptero voava sobre a selva amazônica. Lá embaixo os 17 homens que haviam estabelecido o primeiro contato com os Parakanan — e que haviam aberto a clareira para o pouso do helicóptero — nos esperavam.

Dois dias depois, 23 de dezembro, o contato com os Parakanan. O chefe da tribo olha para a bonita jovem antropóloga norte-americana.

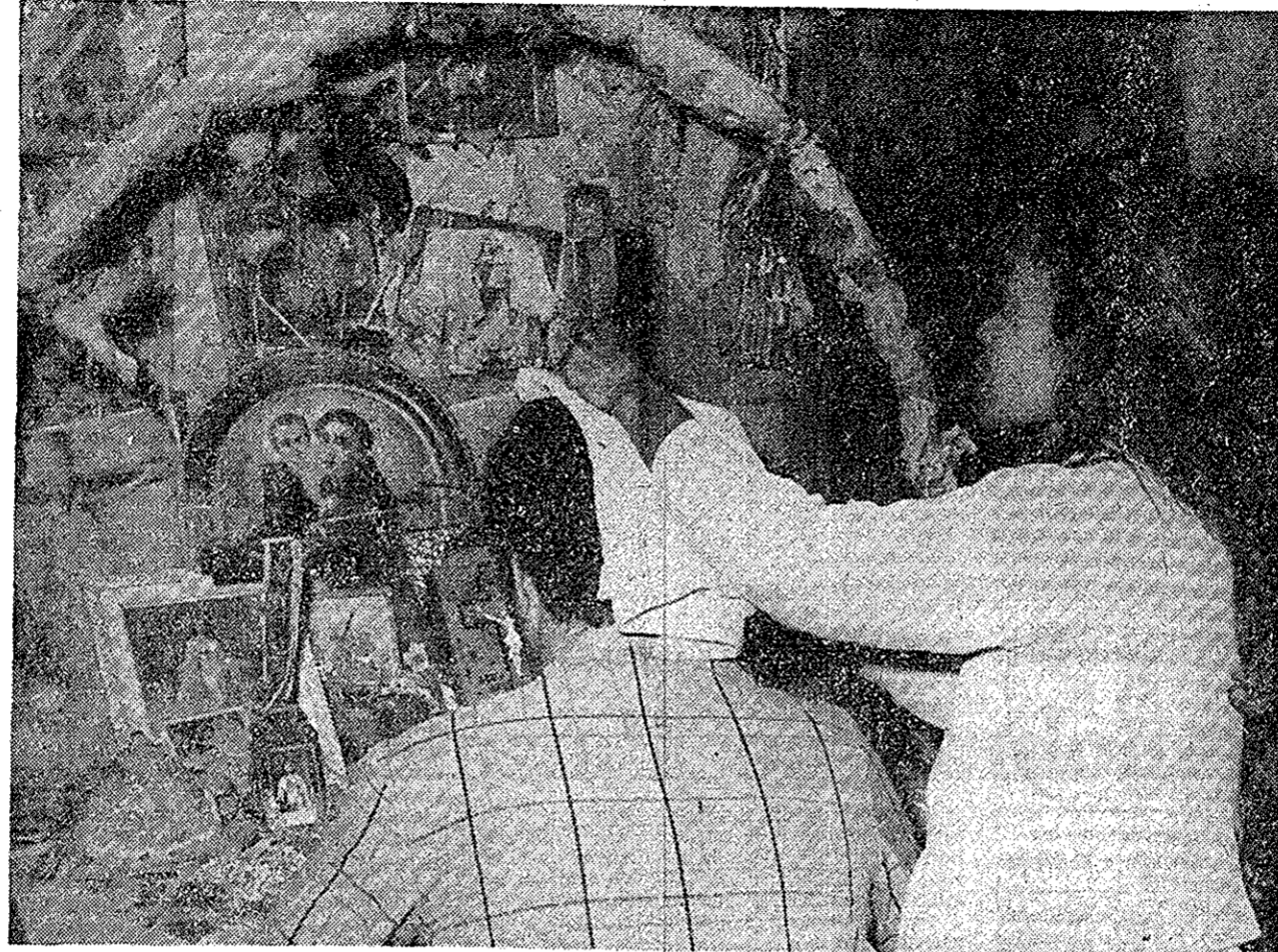
Nesse encontro Jacqueline foi a única coisa que os indios não conseguiram levar. Eles chegaram ao acampamento às 9 e 30 da manhã.

A burocracia também mata

Mas se os esforços de Rondônia e do primitivo Serviço de Proteção aos Índios limitaram esses crimes, a posterior corrupção da máquina administrativa e sua atual macrocefalia reinstalaram — em grau menor, pois menor é também a população indígena — a antiga situação.

Denuncia Antonio Cotrim: "As expedições da Funai estão levando doenças aos indios. Dos 70 funcionários que foram mandados para a Transamazônica, apenas alguns tinham sido vacinados e submetidos a exames médicos em Belém.

O antropólogo inglês Robin Hanbury-Tenison, que a convite da Funai fez em 1971 uma viagem de nove semanas pelo interior do Brasil, chegou à seguinte conclusão: "Sem ajuda financeira e técnica internacional, os 50 mil indios brasileiros estão condenados a desaparecer dentro de dois anos, pois há um erro no sistema adotado há aproximadamente seis meses pelas autoridades brasileiras, que querem acelerar o processo de integração dos indios mas de fato não fazem mais do que acelerar seu desaparecimento".



Entre os Kiriri, na Bahia, proliferam as religiões e cultos estranhos à sua origem étnica

À margem do progresso

Em São Paulo, o Estado mais desenvolvido da Federação, ainda vivem aproximadamente 650 indígenas (30 por cento dos quais mestiços), distribuídos por quatro reservas e por áreas menores, todas tuteladas pela Funai.

Para o antropólogo Eduardo Galvão, diretor do Museu Emílio Goeldi, de Belém do Pará, a esperança de salvar o índio brasileiro da extinção já quase não existem.

Desconhecendo completamente o uso da cerâmica e o emprego dos metais, os Xetá vivem em estado nômade, acompanhando os deslocamentos da caça.

Na unidade familiar do índio gaúcho também desapareceu. E as doenças alia-se a subnutrição. O índice de mortalidade infantil é muito alto, mas não há controle estatístico das mortes.

O fim dos Xetá. A colonização do Oeste do Paraná demorou. As terras férteis do Norte, propícias ao plantio do café, absorveram por longo tempo os contingentes de colonizadores.

Os maiores problemas de Rondônia durante a expedição foram: 1) impedir que seus soldados — sertanejos habituados a abater indios como caça — se abstivessem até de revelar ataques de tribos hostis; 2) convencer tribos que já haviam tido contato prévio com o branco que como ele não pretendia matá-los ou escravizá-los.

Com os mitos — que aborçaram os ardis da esquadra internacional para prejudicar a imagem do Brasil — encerramos amanhã a publicação desta série sobre a população nativa do País.

Entre os Kiriri, na Bahia, proliferam as religiões e cultos estranhos à sua origem étnica. O juiz Mauro José Pereira, da Vara Criminal de Curitiba, mandou ontem para o Tribunal do Juri os autos da "chacina do paralelo onze", como ficou conhecida a matança dos indios Cinta-Larga ocorrida em 1963.

Em outras oportunidades — segundo os autos — outras expedições, de avião, bombardearam as aldeias com dinamite ou então jogaram alimentos envenenados. "As denúncias formuladas nos autos foram confirmadas por diversos testemunhos, entre os quais um oficial do Exército, dois sacerdotes e um engenheiro agrônomo. Mesmo assim, o processo vem-se arrastando desde 1963 e, de todos os implicados, apenas Ramiro Costa está preso".

Em reportagem enviada de Porto Velho e publicada a 4 de janeiro no "Correio Braziliense", na qual o jornalista Pateros Gomes Figueiredo tentava esclarecer os acontecimentos que cercaram o assassinio, pelos indios Cinta-Larga, do serπανista da Funai Possidônio Bastos e do telegrafista Acácio, é denunciada a "perseguisao implacável por parte de indivíduos embrutecidos pela religião a todos os indios. A este respeito", continua o jornalista, "existe em Riozinho um elemento chamado Calixto que, com a maior naturalidade, narra como derrubou, com um certo tiro na testa, um silvícola que se encontrava no topo de uma castanheira colhendo frutos. Há um outro, também em Riozinho, que se deu ao luxo de marcar no cabo de seu revolver "Smith and Wesson" sinais correspondentes aos indios — homens, mulheres e crianças, indistintamente — que assassinou".

Como pagamento, uma moça índia. E as declarações de uma jovem Bororo, extraídas de um relatório da comissão que investigava denúncias de morticínio na reserva Teresa Cristina, no sul do Mato Grosso, ao tempo do antigo Serviço de Proteção aos Índios, são bem explícitas.

Os indios tinham de trabalhar nas fazendas como escravos. Eu ainda era criança quando me tiraram minha mãe. Mais tarde soube que eles permaneceram minha mãe e a deixaram assim pendurada durante uma noite. Ela estava muito doente, e eu queria vê-la antes de sua morte. Quando voltei, me bateram com o chicote de tiras de couro".

Abusavam de todas as moças índias. Certo dia, o funcionário do SPI chamado um velho índio e encarregou-o de construir um forno (de barro). Como salário, o artesão queria uma moça índia. Em seguida, o funcionário foi com ele para a escola e disse-lhe que podia escolher uma menina. Ninguém jamais soube qualquer coisa a seu respeito" (depois de sua retirada da escola).

Trabalho escravo. O branco cria para os indios novas necessidades e passa a abastecê-lo por meio de um comércio exploratório (ver Os Brancos, nesta mesma série). Piçava, borraça e especialmente a castanha do Pará (conhecida no exterior como Brazil Nut) são as principais contribuições das tribos em contato intermitente ou constante com o branco à produção nacional. Desses produtos, a castanha é o mais valioso.

Bombardeio aéreo. Do outro lado do rio", prossegue a notícia, "a expedição encontrou uma índia com um filho menor ao colo. Uma bala ceiteira estourou a cabeça da criança, enquanto a mãe, amarrada de cabeça para baixo, uma perna em cada árvore, era rasgada por um grande e afiado facão.

Com os mitos — que aborçaram os ardis da esquadra internacional para prejudicar a imagem do Brasil — encerramos amanhã a publicação desta série sobre a população nativa do País. As edições de domingo e de ontem foram tratadas, respectivamente, os problemas da atuação da Funai e da preservação das terras dos indígenas. No levantamento de dados para a elaboração desta série colaborou toda a rede de sucursais e correspondentes do "Estado".

Por trás desse êxito comercial

Na década de 60, de acordo com o "Jornal do Comercio", as exportações brasileiras de castanha do Pará atingiam 30 mil toneladas, proporcionando um lucro de 16 milhões de dólares.

A castanha é um produto nativo que se espalha por toda a Amazônia. Sua colheita não é fácil: é feita no tempo da cheia, quando o Amazonas e seus afluentes transbordam. Dizia o "Correio da Manhã", do Rio, em janeiro de 1961, que essa colheita "obedece a práticas bastante curiosas e rudimentares".

Essas práticas, segundo o jornal, consistem em "pequenas cabanas de teto pontiagudo que os colhedores constroem para se protegerem dos frutos que caem como pedriscos, arrancados dos castanheiros pelo vento. Esta é uma proteção necessária visto que a castanha vem envolvida numa espécie de ouriço que atingindo o colhedor pode causar ferimentos".

Para obter-se uma produção de 30 mil toneladas, seguindo essas técnicas rudimentares, muitos colhedores são necessários. E quem são esses colhedores?

Na maioria, indios pacificados. As castanhas colhidas são deixadas nas margens dos rios, à espera dos batelões — ou "regatões" que vem apanhá-las e deixam em pagamento litros de cachaca, pacotes de macarrão e outros produtos baratos. (Nas áreas administradas pela Funai a comercialização da castanha e dos outros produtos do trabalho indígena é feita pela Fundação).

Nos seringais, para a colheita do latex, o trabalho obedece ao mesmo esquema de semi-escravidão. Entretanto não são todos os indios brasileiros que participam desse trabalho semi-escravido: estima a Funai que há ainda no Brasil mais de 150 grupos indígenas arreios, que jamais entraram em contato com o branco. Segundo a Fundação, há no país 54 tribos integradas (a Funai considera integradas os grupos já incorporados à mão-de-obra nacional ou que têm condições de ser incorporados), 103 grupos em contato permanente com o branco e 73 em contato intermitente. A Funai realizou até agora poucos trabalhos de levantamento da situação do índio no Brasil. A Fundação ainda se orienta pelo trabalho do

Os "benefícios" para os Pareci

"Atualmente", prossegue Malcher, "à beira da estrada, nas proximidades de Vilhena, vive uma dezena de Pareci. São os mesmos que causaram admiração a Ruyter Pinto (escritor e indiano) com seu zupunai, espécie de futebol jogado só com a cabeça. Hoje suas mulheres estão prostituídas, sendo levadas de caminhão até Porto Velho para servir a motoristas e seus empregados. Os homens, sempre embriagados, não conseguem entender o porquê da integração".

Não é difícil imaginar como os indios se sentem, tratados dessa forma. O tema já foi desenvolvido brilhantemente por vários autores de ficção científica. Seres poderosos invadem a Terra. Sendo mais fortes, os invasores impõem sua religião como a Verdadeira, seus costumes como Os Melhores, suas técnicas como As Mais Eficientes.

Cedendo lugar aos invasores, os habitantes da Terra são levados para territórios demarcados e denominados reservas. Se resistem, são mortos. Se não opõem resistência, têm de trabalhar em fazendas coletivas sem nunca ver os lucros de seu trabalho. Entretanto, dizimados por doenças desconhecidas e esmagados pelo confronto com uma técnica que não compreendem, vão perdendo sua cultura, suas tradições, seu ethos. Os que sobrevivem, desde que permaneçam quietos em suas reservas, são considerados seres inferiores e tratados como animais amestrados.

Neste vasto deserto de miserias, 2.500 Potiguar vivem em condições menos infelizes no litoral paraibano, num local denominado Baía da Traição. São orgulhosos, sem apresentar sinais de decadência. Habitam uma área de quase 100 quilômetros quadrados, ao norte da Capital, João Pessoa. Ocupam 56 mil hectares de terras distribuídos por 19 aldeias. Toda a área é cercada e administrada pela Funai. Os indios mantêm-se refratários à civilização mas assim mesmo se dão bem com os outros habitantes da Baía da Traição. Dentro da reserva vivem como civilizados. Usam roupas e sapatos, cortam o cabelo, ouvem rádio, assinam o nome, votam e falam perfeitamente em português. Obtem suas rendas da precária cultura da mandioca, que plantam ainda de forma primitiva, sem ajuda dos implementos agrícolas atuais. Assistência médica é proporcionada ao grupo uma vez por mês, o que é quase suficiente, pois não há grandes problemas de saúde: a doença mais comum é a verminose. O índice de mortalidade infantil é baixo e a vida média está em torno de 50 anos.

(1) Em 1969, porém, o padre Egídio Schwade, em seu relatório, acusa — sem discriminar o sexo — a presença de dois Xetá na reserva Coronel José de Carvalho, onde eram muito precaríssimas as condições de sobrevivência.